

III ENECULT

TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

INTERNET: O NOVO ESPAÇO DA CRÍTICA

Ruth Trindade Braga Santana*

Resumo: O trabalho tem como objetivo refletir sobre uma crítica que não se restringe ao espaço acadêmico, que ultrapassa esse lugar de legitimação e se apropria de outros mecanismos que permitem um diálogo mais direto com a sociedade. A internet, com suas revistas eletrônicas, apresenta-se hoje como *locus* fundamental de atuação cultural, o que concerne a ela total relevância, especialmente nas análises sobre o exercício da crítica literária no Brasil, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Crítica literária; metacrítica; revistas eletrônicas.

A internet é um espaço de confluência de idéias e pensamentos e compreender seus mecanismos e seu funcionamento faz-se indispensável para elaboração de uma leitura analítica sobre a crítica literária que nela circula. Ela se estabelece como um espaço diverso e ilimitado, tanto em relação ao público-leitor, pela inexistência de um público alvo, quanto pela variedade e infinidade de informações que disponibiliza. Nesse sentido, torna-se necessária a elaboração dos seguintes questionamentos: de que forma a crítica literária se insere no espaço da internet? Como se configuram as polêmicas ali travadas? E, num questionamento mais amplo, como se discute a crítica literária na internet?

A crítica literária brasileira da última metade do século XX viveu uma série de deslocamentos. As décadas de 40 e 50 representaram o período de destaque da ‘crítica de rodapé’, uma crítica não-especializada, elaborada por uma espécie de ‘crítico-cronista’, que encontrava no jornal o seu espaço privilegiado.

Foi no período dessa crítica-jornalística, de linguagem mais livre e mais próxima da crônica, que começou a se configurar a polêmica entre o homem de letras e seu discurso impressionístico e personalista, e o crítico defensor da especialização e da

pesquisa acadêmica, que teve em Afrânio Coutinho seu principal representante. Segundo Flora Süssekind, nesse período,

* Aluna do Curso de Graduação em Letras Vernáculas da UFBA. Email: ruthbsantana@gmail.com.

O que se inicia é uma mudança nos critérios de validação daqueles que exercem a crítica literária. A ‘carteira de habilitação’ em meados dos anos 40 não é mais a mesma das primeiras décadas deste século. (SÜSSEKIND, 1993, p. 15)

O discurso de Coutinho propunha não somente a defesa de uma abordagem mais complexa e menos superficial da obra literária, mas, e principalmente, a defesa e legitimação do ensino universitário. A universidade teve papel importante nesse período, uma vez que nela se formou o pensamento dos primeiros críticos que reivindicaram a especialização como fundamental para a conquista do rigor científico no trato dos estudos literários.

Enquanto antes prevalecia a crítica diletante, começa a surgir, a partir dos anos 50, um outro modelo de crítica, especializada e rigorosa, mais próximo do status de ciência. Essas duas modalidades disputam seu lugar na imprensa diária, transformando o jornal no veículo para as polêmicas que se criavam. O amador, que sabe tudo e escreve sobre tudo, aos poucos vai perdendo seu poder, em função de um pensamento acadêmico que tinha na especialização o seu aspecto mais importante. É o início da “passagem do crítico-cronista ao crítico-*scholar*” (SÜSSEKIND, 1993, p.15).

O deslocamento desse poder não está somente associado ao surgimento de um outro modelo, de uma outra forma de se fazer crítica. Outro elemento importante nessa mudança foi a perda do espaço do jornal para a literatura, em função do surgimento de outros meios de comunicação, como o rádio e a tv. Perdendo seu espaço e sua força na sociedade, a crítica encontra na universidade o seu principal *locus*:

A palavra de ordem parecia ser a caça aos amadores, personagens em parte reais, em parte fantasmas utilizados pelos críticos professores para justificar que apenas eles fossem considerados donos de um bom discurso sobre a literatura. (SÜSSEKIND, 1993, p. 20, grifos meus)

As décadas de 60 e 70 ficaram conhecidas no meio literário como os ‘anos universitários’, por conta do fechamento da crítica no meio acadêmico e pela perda de espaço da literatura nos jornais. Foram mantidos, entretanto, alguns suplementos literários, como o “Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*” e o “Suplemento Dominical do JB”. Mas, como era de se esperar, o fechamento da crítica vai refletir

diretamente na produção de uma linguagem hermética e cientificista. No momento em que era moda vangloriar-se de alguma especialização e que não só a rede universitária se expandia como também aumentava o número dos cursos de pós-graduação no país, dá-se uma espécie de *revanche*.

Se nos anos 40-50 eram os críticos-professores que olhavam com desconfiança os rodapés, agora são os jornalistas que atribuem à produção acadêmica características de um oponente. (SÜSSEKIND, 1993: p. 28)

Retorna, assim, a polêmica ao universo da crítica. Os suplementos literários não eram aceitos pelos próprios jornalistas, pois tinham como objetivo a discussão de idéias e o levantamento de questões culturais de importância para a sociedade, diferentemente dos outros quadros do jornal, cujos propósitos eram informar e divulgar. Os suplementos que não foram extintos foram radicalmente modificados para se adaptar à nova forma de se escrever sobre literatura, passando a simplesmente divulgar os lançamentos das grandes editoras. Desse embate, se cria um outro perfil de crítico. Na década de 70, da tensão entre os personagens do crítico-cronista e do crítico universitário, surge um novo tipo: o crítico-teórico, aquele que se propõe a uma reflexão sobre seu próprio objeto de estudo e que encontra no ensaio a sua forma de expressão, fugindo do “arremedo de cientificidade das teses-tratados” (SÜSSEKIND, 1993, p. 31). Essa característica reflexiva sobre o método e sobre o próprio objeto, permitiu ampliar o universo da crítica, configurando-se como um exercício sem fronteiras, realizado não somente por especialistas, como também por outros escritores e produtores de pensamento, através de meios como o jornal. Mas a crítica de jornal vai assumindo um caráter exclusivamente mercadológico, como um instrumento de publicidade. Diante desse contexto, a internet surge então como um espaço de maior liberdade, onde as múltiplas vozes não encontrariam barreiras nem censuras.

Quando a internet começou a se propagar e os computadores tornaram-se mais acessíveis e inteligíveis, criou-se a expectativa de que estávamos diante de um fenômeno essencialmente anarquista. Um espaço onde tudo seria permitido, onde a liberdade não teria limites e que provocaria uma ‘sacudida’ nas Instituições. Mas não foi uma anarquia geral. Apesar de seu tom levemente anárquico, no sentido de promover maiores possibilidades de debates de idéias e de exposição de pensamentos, existe na internet uma espécie de hierarquia.

Entendendo a internet como um macro-espaço virtual transgressor dos limites geográficos e das distâncias temporais, composto por diversos micro-espaços também

virtuais, torna-se mais fácil compreender os níveis de poder que se estabelecem ali. Esses micro-espços não se arrumam aleatoriamente, cada um ocupa um lugar específico, um domínio. Falando de Brasil, existem os sítios federais, que fazem parte do grupo *gov.br* e os estaduais que, no caso da Bahia, fazem parte do *ba.gov.br*. Esses domínios representam quem fala e de onde se fala, estabelecendo distintos grupos, organizados hierarquicamente. Talvez o espaço que ainda tenha conseguido manter uma característica mais subversiva seja o *blog*.

Os *blogs* surgiram como uma forma simplificada de sítio, para quem tivesse interesse de participar do mundo virtual sem precisar compreender a linguagem técnica dominada pelos profissionais da área. Pela sua simplicidade, hoje são inúmeros os *blogs* que circulam pela rede, de todos os tipos e propostas:

Os *blogs* se expandiram para todos os fins possíveis em todas as línguas do planeta: diários íntimos, livro de receitas e ficção, exposição de arte, pasquim para expressão de opiniões, espaço de crítica e ensaio e até serviço de denúncia anônima. *Blogs* exibicionistas, voyeurs, *blogs* de currículo e de greve, *blogs* de escárnio e maldizer, de amigo, *blogs* de pouca coisa ou coisíssima alguma, de aforismos, de divulgação científica, frases feitas *blogs* de comentários sobre *blogs*, *blogs* de *blogs* de *blogs*. (GIRON, acesso em 22/01/06)

Esse espaço de confluência de idéias que é a internet vem a se constituir como mais um ambiente de discussão da literatura e da crítica literária, como afirma Rachel Lima no ensaio em que apresenta o projeto *Observatório da crítica*:

[...] novos atores sociais vêm revitalizando os debates sobre literatura e sobre a crítica literária, transformando o espaço virtual em uma ágora pós-moderna, na qual as afinidades eletivas deixam de ser escamoteadas em nome da pretensa objetividade e imparcialidade da crítica acadêmica, instaurando-se uma indissociação entre as esferas pública e privada. Através das revistas eletrônicas, dos *blogs* e fóruns de discussão, novas subjetividades vêm sendo formadas, novas possibilidades interpretativas se tornam visíveis e os conflitos ideológicos encontram um lugar para serem encenados. (LIMA, 2006: p. 4)

Diferentemente do que ocorria à época da crítica jornalística e dos suplementos literários de jornais de grande vendagem, a crítica literária tem ocupado outros espaços de circulação, dentre eles a internet, que funciona hoje como instrumento de divulgação e de acesso a novas produções literárias e críticas. Um bom exemplo disso são as revistas literárias eletrônicas, como a *Rascunho* e a *Cronópios*, que não apenas cumprem esse papel, mas também se abrem à colaboração *on line* dos leitores,

configurando-se como um misto de página fixa e *blog*, servindo também como instrumento de discussão da própria produção. Os textos divulgados pela *Revista Rascunho* são, além de disponibilizados no sítio da revista, também publicados em meio impresso, em formato semelhante ao dos antigos suplementos literários. A *Rascunho* é um micro-espço inserido num outro, maior, que é o da internet, onde o periódico promove o debate de idéias, através da publicação de textos, réplicas e tréplicas que alimentam as polêmicas. Já a *Cronópios* é uma revista exclusivamente eletrônica que disponibiliza textos provenientes de especialistas e de não-especialistas, indicando a tenuidade da separação desses discursos. Pensar essas revistas é direcionar um olhar para essa abertura de discursos que é produzida também pelo público leitor. As revistas literárias eletrônicas, assim como os rodapés e suplementos em época anterior, consistem num local encontrado pela crítica literária para promover suas discussões, num território que ultrapassa a academia.

Numa convivência que lembra as polêmicas de meados do século XX, as revistas eletrônicas conseguem englobar não apenas o discurso não especializado, já comum em revistas e periódicos, mas também o discurso do especialista, do profissional de Letras, que encontra nessas revistas a possibilidade de dialogar mais diretamente com a sociedade.

As matérias de caráter metacrítico levantadas durante a pesquisa apresentaram diversos posicionamentos e questionamentos sobre o exercício crítico, que abordavam o tema sob diferentes olhares: do mercado, da ética, da liberdade de expressão e da própria dificuldade da sua realização. Dentre elas, destacam-se dois pontos que procurarei discutir mais detidamente. No primeiro, considera-se a persistência da polêmica como um recurso usado para se tentar obter a legitimação dos nomes daqueles que nela se envolvem no campo das Letras. No segundo, a utilização do decálogo testemunha o desejo de normatização que acompanha o labor crítico.

Publicado na *Revista Rascunho* em dezembro de 2005, o artigo “Dom Casmurro, obra-prima de um gênio? Não e não!”, escrito por Domingos Pelegrini (acesso em 27/03/06), buscava negar a qualidade e importância do livro de Machado de Assis, numa tentativa de desvalorizar uma obra simplesmente por fazer parte da tradição da Literatura Brasileira e de questionar a existência de um cânone, que, por sua vez, não deixa de ser um referencial importante para a construção do discurso literário. Afinal, como afirma Eneida Maria de Souza, ao discorrer sobre a legitimação do cânone,

O cânone se legitima, tornando-se moeda corrente da troca literária, meio eficaz para os futuros leitores identificarem autores, criarem linhagens ou sintetizarem superficialmente um momento literário específico. (SOUZA, 2002: p. 89)

Mas, como era de se esperar, esse texto não ficou sem réplica. Nem sem tréplica, pois não se toca impunemente num nome considerado sagrado pela historiografia literária brasileira, principalmente sem apresentar uma argumentação consistente capaz de dialogar com a crítica e com a própria obra. O que aconteceu então foi um fenômeno bastante comum no exercício crítico: a luta por se impor como uma ‘autoridade intelectual’. A polêmica enquanto instrumento nessa luta se constitui antes como espetáculo que como construção de um pensamento crítico que interfere no exercício da crítica, no sentido de torná-la menos personalista e mais analítica. Ao fazer referência ao período da ditadura militar no Brasil, Flora Süssekind discute o papel das polêmicas enquanto “prática autoritária revestida de capa democrática” (SÜSSEKIND, 2004, p. 69):

Muitas vezes, nas polêmicas, esta conquista de autoridade custa bem caro: quando é necessário aproveitar-se de métodos aprendidos durante anos com as polícias militares e os agentes do SNI, tais como a denúncia, por vezes levada a cabo no duelo entre ‘patrulheiros’ e ‘patrulhados’, ou a recusa autoritária a justificar conclusões e prestar contas dos pressupostos dos próprios textos e ações. Daí, a ‘vitória’ nas polêmicas ser obtida muito mais na queda de braço do que pela exposição de argumentos convincentes. Mais sucesso costumam ter os que se utilizam de uma linguagem bombástica, oratória, de palanque eleitoral, do que os interessados no assunto em debate ou na pertinência da própria argumentação. (SÜSSEKIND, 2004: p. 69)

Deve-se acrescentar ao pensamento de Flora, que é imprescindível o reconhecimento do lugar de origem do discurso; talvez esse lugar, o lugar de onde se fala, seja tão importante quanto a forma como se fala, para que um discurso se constitua como digno de reconhecimento. Também abordando as polêmicas como forma de legitimação da autoridade intelectual que se quer inquestionável, capaz de atribuir ao crítico um status de superioridade, Raúl Antelo afirma que, através delas,

[...] se conquistaría, espureamente, autoridad en el campo intelectual, como si ese campo no viviese justamente de esa dinámica o como si la legitimación no supusiese siempre algún tipo de enfrentamiento. (ANTELO; acesso em 20/08/06)

Logo, a polêmica pode ser vista menos como uma discussão democrática que se faz num debate de idéias predisposto à revisão de um pensamento e até à reconstrução de uma tradição, do que como uma tensão criada a partir do conflito entre convicções distintas e que, possivelmente, encobre a política de favores e de troca de elogios que atribui ao exercício crítico um caráter de conveniência..

Abordando o tema a partir de outra perspectiva, Cacaso, no texto “Você sabe com quem está falando? (As polêmicas em polêmica)”, ao citar o desentendimento entre Gilberto Gil e Maria Bethânia, faz uma analogia entre o ato de dançar e o de provocar uma polêmica e afirma ainda que o “problema é que muitas vezes cada um dança conforme sua própria música”. Diferentemente de Flora, Cacaso aceita as polêmicas com mais naturalidade e, num pensamento que chega a se opor ao exposto anteriormente, acredita na polemização como ato de conhecer e de transformar. Busca por uma autoridade ou exercício de transformação, uma vez que não se pode deixar de entender a polêmica como um fenômeno próprio da crítica, causa e consequência da luta por espaço e pela geração de novos pensamentos.

O outro fenômeno a ser destacado e que uma pesquisa subsequente revelou ser bastante comum, é a tentativa de construir o perfil do crítico ideal, um manual que possa ser aplicado em diversas situações. Diante da realidade de uma crítica literária que se apresenta mais como publicidade e meio de distribuir elogios e ofensas e menos como análise e pensamento crítico, Nelson de Oliveira escreve o texto *Decálogo do Resenhista*, no qual pretende estabelecer aspectos imprescindíveis para se fazer uma resenha crítica. Regras como *leia o livro todo e não resenhe o livro dos amigos*, encontradas no texto, podem demonstrar a relação de clientelismo que forma a crítica literária hoje, como também evidenciar a inabilidade e imperícia do profissional ou uma parcial falta de conhecimento sobre como proceder numa boa análise crítica.

2. Não resenhe o livro dos amigos. O vínculo afetivo sempre compromete a análise literária e, via de regra, o resenhista tende a ser mais condescendente com o livro dos amigos. [...] Quanto mais distante o resenhista ficar do livro dos parentes, dos amigos e dos colegas de trabalho, mais legítima será sua resenha. (OLIVEIRA; acesso em 15/01/06)

Não se trata aqui de negar o vínculo entre literatura e mercado, mas, sim, de enxergar a crítica literária enquanto componente ativo do mercado e de construí-la como pensamento acerca de sua própria condição. Como afirma Paulo Franchetti, “uma das

principais funções da crítica hoje é explicitar e analisar com rigor e com frieza as causas e efeitos da recusa à crítica que parece ter-se instalado na cultura brasileira dos últimos anos” (FRANCHETTI; acesso em 15/01/06)

Esse mesmo gênero textual, de características marcadamente vanguardistas, já foi utilizado por intelectuais como Walter Benjamin e, no Brasil, por Roberto Schwarz, com o objetivo de expor, ironicamente ou não, um programa de ação para os críticos literários. Neles, os autores se voltam para a discussão da crítica em forma de sentenças e regras, de forma nada relativista, com o objetivo de estipular princípios para uma crítica coerente, fundamentada e mais imparcial. No caso dos exemplos aqui apontados, possivelmente isso se faz para tentar suprir a superficialidade do discurso não especializado, definindo métodos a serem seguidos quando da prática da crítica literária. E também para denunciar o compadrio que vem sendo apontado como uma praga no âmbito da crítica literária na contemporaneidade.

No texto *Os 10 mandamentos (ao crítico)*, de Paulo de Toledo, publicado pela revista *Cronópios*, em dezembro de 2005, em um tom bem-humorado, o poeta e ensaísta apresenta o seu decálogo. De *Não matarás a obra alheia* à *Não furtarás as idéias de outros críticos*, a lista de preceitos, uma alusão aos 10 mandamentos bíblicos, talvez seja um indício da tentativa de se definir os parâmetros que hoje possivelmente têm deixado de ser seguidos por um discurso que já não se pode mais distinguir com clareza se universitário, amadorístico, publicitário ou jornalístico. Michel Foucault, no texto *Nietzsche, a genealogia e a história*, fala sobre a origem e como o seu estudo a partir da perspectiva de uma verdade única e absoluta deve ser desconsiderado e não deve ser esse o objetivo de um genealogista. Ao fazer um paralelo do pensamento de Foucault acima citado e a forma do decálogo, chega-se à conclusão de que este é um discurso teleológico, pois é a tentativa eterna de definir a verdade, a forma ideal de se produzir crítica literária.

Como extensão do parágrafo acima, esse estudo não vem a se propor como um decálogo, como o encerramento de questões e nem como afirmação de um único caminho, mas antes como mais um olhar sobre a crítica, que deve sempre ser renovado para que o horizonte das possibilidades de reflexão e discurso dessa instância de intervenção cultural permaneça em contínua transformação e ampliação.

Referências bibliográficas

ANTELO, Raúl. La teoría y sus ventosas. Disponível em: <
http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa_6_7/la_teoría_y_sus_ventosas6_7.htm >. Acesso em: 20 mai. 2006;

BENJAMIN, Walter. A técnica do crítico em treze teses. In: **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.32-33. (Obras Escolhidas, v.II);

BRITO, Antonio Carlos Ferreira de. Você sabe com quem está falando?: as polêmicas em polêmica. In: Não quero prosa. São Paulo: UNICAMP, Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 102-111;

Cronópios. Disponível em: < www.cronopios.com.br >;

DINES, Alberto, NUNES, Leticia. Acabou a era do rodapé cultural. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=341AZL001>>. Acesso em: 22 nov 2005, 14:20;

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. 22 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. p. 15-37;

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. **Germina Literatura**. Disponível em: <
http://germinalliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm >. Acesso em: 20 nov 2005, 10:35;

FRANCHETTI, Paulo. O mercado da crítica. **Germina Literatura**. Disponível em: <
http://www.germinalliteratura.com.br/enc_pfranchetti_out05.htm >. Acesso em: 15 jan. 2006;

GIRON, Luís Antônio. A blague do blog. **Digestivo Cultural**. Disponível em: <
<http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=67> >. Acesso em: 22 jan 2006;

LIMA, Rachel Esteves. **A Crítica Literária na Universidade Brasileira**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 1997 (Tese, Doutorado em Literatura Comparada);

LIMA, Rachel Esteves. Observatório da crítica. In: **II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura**. Salvador: CULT; Programa de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006. (Publicação em CD Rom);

Rascunho. Disponível em: < www.rascunho.com.br >;

SCHWARZ, Roberto. 19 princípios de crítica literária. In: **O pai de família e outros estudos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.93-94;

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p 89;

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e Vida Literária: Polêmicas, diários & retratos**. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004;

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, Tratados e Ensaio: a formação da crítica brasileira moderna. In: **Papéis Colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.